

UNS E OUTROS*

Eduardo João Ribeiro dos Santos**

A investigação científica em Ciências Sociais e Humanas e, conseqüentemente, as metodologias de intervenção daí decorrentes, têm-se pautado por um enfoque quase exclusivo naqueles que designamos nesta oração por *uns*, esquecendo os que, por outro lado, designamos por *outros*. Como no título do bem conhecido filme francês, também nas Ciências Sociais e Humanas existem *Les uns et les autres!*

Explicitando, com recurso a um exemplo, na minha disciplina de especialização, que é a Psicologia, todos sabemos que ela é, maioritariamente, um conhecimento e uma tecnologia WASP, em que *W* é para homem branco (*white*), *AS* para cultura anglo-saxónica e *P* para ideologia religiosa protestante.

Isto é, a *grande maioria* das investigações é realizada em amostras de populações WASP, que nós sabemos serem demograficamente a "*menor minoria*". Mas, e aí está a justificação antecipada, com o absoluto poder político!

E como a política é, também, pelo menos nas suas formas menores, uma expressão narcísica, os cientistas sociais — os sábios do poder — têm, nos últimos tempos, apenas repetido com elegância, por vezes discutível, aquilo que o povo já há muito sabia; a ciência, diz-se, é apenas uma linguagem bem feita. O umbigo da realidade tem sido discursado de um modo reverbatório e exaustivo!

Na esquizóide distinção entre saber científico e experiência quotidiana, na tribo dos *uns*, fazem-se, assim, jogos de espelhos — os inquiridos, ou sujeitos de investigação, respondem perante metodologias reflectoras daquilo que são de um modo exclusivo e manifestamente observável. Por exemplo, as sofisticadas técnicas de análise factorial, enquanto metodologias de investigação, apenas podem retirar aquilo que previamente lá se colocou; é como um exercício de culinária. É muito raro encontrarmos, hoje, metodologias que combinem lógicas confirmatórias com lógicas de exploração alternativa e de compreensão da realidade, à qual se pode chegar por esquemas de investigação participada ou de natureza qualitativa. Neste esquema de investigação o controlo social da realidade aumenta, até por que o estereótipo de cientificidade continua a assentar na mitologia dos números.

* Este texto corresponde à Oração de Sapiência proferida, no Instituto Superior Miguel Torga, aquando da abertura solene do ano lectivo de 1998/99, em 18 de Novembro de 1998.

** Professor na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra e no Instituto Superior Miguel Torga.

No entanto, bastou a Freud a análise clínica de alguns casos para se mudar o curso da história das ciências humanas e para a libertar de algumas questões relevantes em termos de plenitude de vida.

E, assim, neste narcisismo esquizóide se vão os *uns* dominando, cientificamente, e deixando dominar, miserabilisticamente.

Mas o pior, é quando, para além da falsa fundamentação metodológica com que se argumenta ao nível das práticas sociais e políticas, os *uns*, por “artes e manhas” de generalização silogística, estendem as suas científicas conclusões, e mais do que isso, o *esquecimento*, aos *outros*!

E os *outros*, são, por exemplo, os ciganos, os pobres, os excluídos (de uma forma geral)..., os que de uma forma ou outra não são *comuns*, isto é, “*como os uns*”...!

Felizmente que as boas consciências se têm empenhado em estudos específicos das minorias, que, como vimos, fazem no seu conjunto a maioria. Os Direitos Humanos e a Moral, felizmente, ainda têm o seu lugar na sociedade actual.

Darei alguns exemplos breves, de como estamos a falar de realidades extraordinariamente importantes. Começando pela minoria LGB — lésbicas, *gay's* e bissexuais —, estes bem se podem queixar da atenção dedicada aos milagrosos comprimidos azuis e ao desfile televisivo de casos de impotentes, frígidas e que tais..., que têm preocupado e interessado em boa hora, e por bem, os nossos sexologistas. Apenas se lamenta que, por exemplo, sobre formação e desenvolvimento da identidade pessoal destes *outros e outras* personagens sociais pouco se sabe, e assim pouco se tem ajudado. Para não falar, como ilustração, nas implicações que estas diferentes orientações sexuais têm no quotidiano profissional em termos de discriminação e assédio. Que os futuros profissionais de serviço social tenham entre outras estas consciências!

Igualmente, e certamente, não serão histórias de incomuns presidentes e de vulgares estagiárias que auxiliarão os técnicos de saúde a aconselharem este tipo de pessoas. Que os futuros profissionais da comunicação possam, também, usar a sua arte de informar para nos fazerem reflectir mais do que punir, ou eventualmente aprovar!

Referindo-nos a outra situação a título de exemplo, a raça e pertença étnica são realidades já há muito reconhecidas. No entanto, a nossa miopia cultural não nos fez ainda entender como é que pessoas, sociedades e multiculturalidades interagem. Por exemplo, se o povo aí de uma típica aldeia portuguesa não aceita crianças ciganas na sua escola, isto não significará que lá em casa, em cima da televisão ou numa qualquer parede tenham, obrigatoriamente, ao lado das fotografias de família ou das imagens dos divinos santos, o retrato de um pequeno homem alemão de bigode ainda mais pequeno! Que conhecimento existe sobre esta realidade para que os técnicos de educação possam actuar?

Como último exemplo, como poderão os mecanismos da segurança social e do emprego actuar com desempregados de longa duração provenientes de classes economicamente desfavorecidas? O “stress” dos empresários e as angústias dos adolescentes do 9º ano têm ofuscado esta realidade, entre outras preocupações metafísicas! Nos primeiros, a “idade do lobo” ou a mais bem comportada crise da meia-idade, é mais do que

conhecida nos manuais de gestão de carreiras e de saúde ocupacional; era preciso, e bem, re-conhecê-las como objectos de intervenção, deveras bem gratificante. Quanto aos segundos, tão simples quanto isto — esqueceram-se no *ministério da instrução*, dos fundamentos psicológicos da educação e do desenvolvimento humano — aos quinze anos não se escolhe, explora-se — lamentar-se-á a alma de Piaget! Para estes, felizmente, tem existido psicologia, talvez porque dotados de alma, talvez porque a possam comprar! Para os desempregados, apenas, quando existe, um qualquer subsídio! Quando se sabe que as recaídas deste tipo de população estão ligadas à sua grande fragilidade emocional.

Assim, os *uns* se têm esquecido (e renegado) dos *outros*. E lamentavelmente! Porque como nos ensina Lévi-Strauss, a nossa identidade alimenta-se da alteridade. O que se pode aprender com um deficiente, e com os seus padrões não modais de comportamento, dará imensas lições sobre o “coping” com a adversidade e a formação de carácter e personalidades resilientes.

Tendo as Ciências Sociais e Humanas sido reprimidas no antigo regime, esperar-se-á que hoje elas não sejam o discurso sábio dos poderosos que apenas reforçam e reproduzem estratégias de socialização para o conformismo, mas o discurso do “empowerment”, da libertação, da emancipação, do desenvolvimento, que nos faça ultrapassar esse narcisismo esquizóide de *uns* a falarem “mais do mesmo” sobre os próprios *uns*! Que o novo discurso seja o do *elogio da diferença social*!

O cartesiano discurso do método racionalista tem actuado como ferramenta política do manifestamente observável, isto é, do produto dos condicionamentos e condicionalismos sociais. Mas, para além disto, existe mais, muito mais... Como nos diz Gilbert Durand, temos todos “une âme tigrée”, de múltiplas cores e matizes. Descartes legou-nos um método que erradamente transformámos em razão única. Há mais do que o estritamente observável e socializante, um pensamento socializado que conhece e uma matéria que apenas na sua positividade ou materialidade se pode conhecer. O contemporâneo oriental de Descartes (enquanto este congeminava o seu *Discurso do Método*), Mollâ Sadrâ Shîrâzi no *Livro das penetrações metafísicas*, escrevia em iraniano, por oposição, que a realidade é essencialmente interior. Fica, assim, a metáfora!

Longe de posições extremistas, poderemos considerar do ponto de vista da construção do social e do pessoal, que a realidade não é apenas o universo de *uns*, são também os *outros*, que nas suas realidades se apresentam como metáforas e sentidos hermenêuticos para nós próprios! Para além do discurso das evidências comportamentais, existem realidades outras. No belíssimo livro de Mark Epstein sobre Bion, psicoterapias, budismo, e outros tantos temas, este autor em homenagem a esse grande nome da psicanálise intitulou a sua obra como “*Thoughts without a thinker*”, isto é, pensamentos sem pensador. As Ciências Humanas e Sociais, mais que discursos políticos oficiais sobre evidências comportamentais e sociais terão de ser verdadeiras políticas emancipadoras e da vida, no sentido empenhado que o grande sociólogo Anthony Giddens lhe confere. É necessário libertar o pensamento dos constrangimentos dos sistemas sociais e metodológicos, a partir das interioridades e diversidades pessoais.

É necessário que se façam emergir sem constrangimentos de *res cogito* e de metodologias *res extensa* as essências da interioridade humana e da criatividade social, enfim, do *Outro* que está dentro de nós! Assim, poderemos mesmo sentir-mo-nos mais idênticos a nós próprios, cada *Um*, como identidade própria.

E conseguiremos se estivermos “*uns com os outros*”; esta é a fantasia “naïve”, do *ET* de Steven Spielberg, ou a mensagem de Stephen Carter, quando nos diz que: “Civility is the sum of all the sacrifices we make in the name of living together.”

Esta nossa escola, este nosso Instituto, tem essa responsabilidade pela sua história de Serviço Social, e que continuará por um futuro de serviço social nas suas maiores diversidades. Mas também pelas suas responsabilidades neste admirável mundo novo da informação, das novas tecnologias, da promoção da educação e da saúde, ... da qualidade de vida enfim!

De um passado cheio de história a um futuro pleno de bom mistério, deseja-se que no dia-a-dia o desenvolvimento da interioridade e, simultaneamente, da cidadania se oferte — por essa razão chamamos ao quotidiano, ao hoje — o *Presente*! De *Uns* para *Outros* !

Perante os enormes desafios de *humanização e invenção* que a investigação e a intervenção nos trazem em termos sociais e individuais, para *uns* e para *outros*, para *Todos*, finalizo com um pequeno excerto da obra de Miguel Torga — *Cântico do Homem*, e do poema de abertura “Inventário”:

“E, apesar de tudo, sou ainda o Homem,
Um bípede com fala e sentimentos!
Ao cabo de misérias e tormentos,
Continua
A ser a minha imagem que flutua
Na podridão dos charcos luarentos!” ■